

V Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação

Grupo temático: Informação e Sociedade/Ação Cultural

A Preservação da Memória Científica da Fiocruz: a visão de quem faz ciência¹

Esta pesquisa² aborda o tema da memória científica e tecnológica, e sua preservação, num contexto específico, a Fundação Oswaldo Cruz³, a partir das concepções, práticas e intenções de um grupo de pesquisadores da instituição, propiciando assim uma visão de como estes agentes institucionais – os cientistas –, a partir do valor atribuído à memória científica institucional, e das suas práticas, participam e interferem na sua construção. O olhar panorâmico sobre as visões, representações, atitudes, entendimento e práticas dos pesquisadores propiciou maior compreensão deste universo peculiar e também uma visão aproximada, mesmo que tênue e limitada, de como estes pesquisadores se posicionam diante de questões como informação, memória e história.

Denominamos como memória científica a documentação produzida e acumulada no decorrer das atividades científicas e daquelas que as viabilizam e concorrem para seu desenvolvimento, difusão e acesso. E denominamos arquivo científico aquele gerado no decorrer da atividade científica sob ponto de vista mais estrito. Portanto, a noção de

1 Verônica Martins de Brito, Mestre em Ciência da Informação, Fundação Oswaldo Cruz, verbrito@coc.fiocruz.br

2 Esta pesquisa foi desenvolvida ao longo de meu curso de mestrado no Programa de Pós Graduação em Ciência da Informação do IBICT/CNPq-ECO/UFRJ e resultou na dissertação de mesmo título apresentada e aprovada em novembro de 2002.

3 A Fundação Oswaldo Cruz, constituída atualmente por 14 unidades técnico-científicas, inclui entre suas finalidades a realização de pesquisas científicas no campo da medicina experimental, da biologia e da patologia; a promoção de atividades de formação e aperfeiçoamento de pesquisadores em ciências biomédicas, de sanitaristas e demais profissionais de saúde, bem como a elaboração e fabricação de produtos biológicos, profiláticos e medicamentos. Quando foi criada, em 1970, incorporou vários institutos que já possuíam trajetórias expressivas nas áreas das ciências biológicas, biomédicas e da saúde pública, sendo que alguns deles iniciaram suas atividades no começo do século, como, por exemplo, o Instituto Oswaldo Cruz.

memória científica engloba o que definimos como arquivo científico. Atribuímos ao termo ciência um amplo significado, desta forma qualquer campo de estudos, incluindo as ciências exatas, as ciências biomédicas, as ciências humanas, a medicina, etc. está no âmbito do que denominamos ciência.

Sendo assim, nossa definição de memória científica não se limita à documentação produzida e acumulada no decorrer da atividade científica produzida nos laboratórios. A memória científica encontra-se também nos arquivos gerados no decorrer de atividades que viabilizam e possibilitam o fazer científico e naqueles decorrentes de atividades que são essenciais à atividade científica, como a difusão da ciência levada a efeito pelas revistas especializadas e pelos grandes bancos de dados que referenciam a produção científica nacional e internacional. Estão aí também incluídos, os museus científicos e as grandes redes de comunicação, impressa, televisiva e eletrônica. Sendo assim, a memória científica encontra-se nas instituições onde a ciência é feita, ensinada, planejada, administrada, financiada, exposta, difundida e acessada.

Os arquivos pessoais de cientistas merecem atenção especial, já que além de possuírem documentos representativos da trajetória profissional destes pesquisadores, englobam documentos que espelham sua vida social, familiar, afetiva e cultural, permitindo assim uma visão abrangente do indivíduo e do meio social onde está inserido. São provavelmente os arquivos mais procurados pelos pesquisadores.

Por uma série de razões, a atividade de pesquisa possui uma relativa autonomia, os pesquisadores, de alguma forma, estabelecem vínculos muito especiais com sua produção, mesmo porque muitas vezes os recursos que possibilitam o desenvolvimento de muitas pesquisas são captados por eles individualmente. Mesmo que a instituição proporcione a

infra-estrutura fundamental para que a pesquisa possa se desenvolver e também o prestígio de sua chancela, a relação do pesquisador com seu trabalho e algumas peculiaridades da prática científica concorrem para que qualquer iniciativa voltada para a preservação desta memória e mais especificamente dos arquivos científicos leve em conta estes fatores.

Nosso trabalho volta-se, então, para as áreas finalísticas da instituição, mais especificamente para os arquivos científicos em que a atividade de pesquisa ocorre. Esta escolha deve-se às seguintes razões: os arquivos científicos são o núcleo central da memória científica; os pesquisadores da instituição são seus agentes de maior prestígio, muitos deixam seus laboratórios e suas investigações e exercem cargos de direção de unidades ou, mesmo, assumem a presidência da instituição onde irão deliberar e definir políticas institucionais, incluindo aí os sistemas de gestão de documentos e informação. Portanto, além de responsáveis diretos pela construção da memória científica, são também, em parte, responsáveis pela situação atual e futura do panorama arquivístico/informacional da instituição.

Para alcançar nossos objetivos realizamos um estudo exploratório descritivo transversal, através do emprego de metodologia qualitativa baseada em procedimentos de pesquisa rápida (RAP) e elementos de investigação através de entrevistas individuais e observação direta. As variáveis/componentes foram empregadas para focalizar a visão, a valoração, as representações, os conhecimentos, procedimentos, práticas e atitudes de grupos específicos de pesquisadores/cientistas das variadas unidades da FIOCRUZ, no que se refere ao núcleo de nosso interesse, a memória científica.

A pesquisa foi aplicada em pesquisadores das várias unidades da instituição, distribuídos de acordo com as disciplinas e áreas de conhecimento que compõem a

FIOCRUZ. Foram definidos roteiros para entrevista semi-estruturada e critérios para observação participante. Os critérios para seleção da amostra de entrevistados levaram em conta o seguinte: o pesquisador devia possuir no mínimo dez anos de trabalho em sua área de atuação e ter alcançado prestígio como cientista no âmbito da FIOCRUZ, através do reconhecimento de seus pares. Foram escolhidos dois pesquisadores de cada uma das seguintes unidades da instituição: Instituto Oswaldo Cruz - IOC; Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos - BIO-MANGUINHOS; Instituto de Tecnologia em Fármacos - Farmanguinhos; Instituto Fernandes Figueira - IFF; Instituto Nacional de Controle de Qualidade em Saúde - INCQS; Escola Nacional de Saúde Pública - ENSP; Casa de Oswaldo Cruz - COC; Instituto de Pesquisa Hospital Evandro Chagas - IpHEC. Foi elaborado um “roteiro” para orientar as entrevistas e suscitar a fala dos pesquisadores sobre os temas de nosso interesse. A estes “temas”, “assuntos” correspondem o que denominamos de componentes. Este estudo obteve e analisou os seguintes componentes, que foram dispostos em cinco eixos temáticos: Visão, representação, valor e utilidade da memória e dos arquivos científicos; destinação, guarda, conservação, organização e acesso à documentação gerada nas pesquisas, incluindo a documentação pessoal do pesquisador; fronteiras entre o pessoal e o institucional; visão sobre o papel do cientista na construção e preservação da memória científica e nas ações voltadas para a preservação do patrimônio científico institucional; e opinião sobre a pesquisa. Além das entrevistas foram observados e anotados em fichas o acondicionamento, organização e recuperação da documentação produzida e acumulada pelo pesquisador.

Impossibilitados de comentar a totalidade dos resultados obtidos a partir do relato dos pesquisadores entrevistados, optamos por comentar o eixo temático que trata da

“Visão, representação, valor e utilidade da memória e dos arquivos científicos”, representado pelas seguintes perguntas: O que é memória científica? Para que serve? Que valor você atribui à memória científica? Qual a importância dos arquivos científicos? Qual sua opinião sobre guardar a memória científica e tecnológica da Fiocruz? Esta memória serve para quê?

Pudemos observar que predominam entre os pesquisadores as visões que vinculam a memória científica à história e ao passado, e as que explicitam que a memória revela a “evolução” da ciência e/ou que é o testemunho dos fatos científicos relevantes. Alguns consideram que a memória científica fica registrada nos artigos publicados em revistas especializadas e outros a identificam nos registros gerados a partir da atividade científica. Muitas vezes as visões sobre memória científica se superpõem, ou seja, o pesquisador que a vincula ao passado refere-se também à memória do trabalho científico e não apenas à memória dos resultados científicos, ou à memória do que “deu certo”. Alguns nunca tinham pensado no assunto.

Percebemos que mesmo para aqueles que conceituaram memória científica de forma próxima à visão adotada neste trabalho - documentação produzida e acumulada no decorrer das atividades científicas e daquelas que as viabilizam e concorrem para seu desenvolvimento, difusão e acesso -, não têm incorporada a concepção de que a massa de documentos produzida a partir da atividade científica deve necessariamente ser gerenciada para que essa memória seja construída e preservada. Essa visão abrangente só surge no discurso dos pesquisadores relacionada à história, ou seja, relacionada ao acúmulo decorrente da passagem do tempo. É compreensível que assim seja, já que a questão documental não é a razão de sua atividade de pesquisa. Porém, é interessante perceber a

dificuldade que o pesquisador tem de compreender que essa massa de documentos, de registros, de informação, pode ser controlada através de interferências estratégicas, através de ações planejadas. Em alguns casos percebemos claramente que estas questões – memória, história, arquivo, informação – estão fora do “universo” de suas preocupações, a ponto de dificultar uma resposta razoavelmente articulada sobre o assunto. A maior parte das vezes esta estranheza aparece sob a forma da prolixidade sobre temas que não foram levantados pelo entrevistador. Ou seja, temas desvinculados da indagação inicial ou do tema proposto.

Outra questão interessante é perceber que os que consideram que a memória científica se encontra nos artigos publicados, são os que utilizam arquivos científicos na sua prática profissional. Ou seja, nestes casos, as visões e concepções que o pesquisador revela não estão necessariamente relacionados à sua prática profissional. A utilidade do arquivo no cotidiano da pesquisa não agrega necessariamente valor ao mesmo. Neste caso, vigora a noção de que o que se torna público, aprovado pelos pares e formalizado na área de conhecimento através da publicação em revistas especializadas dos resultados de sua pesquisa é o que fica consagrado como memória do trabalho científico. O arquivo, apesar de abranger a documentação resultante do processo de pesquisa e os documentos conclusivos deste processo, como não está incluído neste âmbito, não faz parte do processo que atribui reconhecimento e prestígio ao pesquisador, mesmo que, como relatado adiante, seja fundamental para o êxito da atividade científica.

A questão da memória científica e a “linha do tempo” surge como referência importante na maior parte das concepções dos pesquisadores sobre memória científica. Em alguns depoimentos, a concepção do que é memória ou não, depende de onde, em que

ponto desta linha imaginária, se encontra a informação, o documento, o registro. A referência para definir esta intercessão é muitas vezes o uso, ou a frequência do uso. É também o suporte onde se encontra a informação. Segundo um dos pesquisadores entrevistados, o fato de uma coleção científica ser “permanente objeto de estudo” deixa dúvidas quanto a ser parte da memória. Mesmo que nosso tema trate da “memória arquivística”, podemos arriscar, mais uma vez, um paralelo com algumas concepções de memória abordadas por Fentress e Wickman em seu trabalho “Memória Social” (1994). Nesta concepção, a memória é apenas um depósito de informações passadas.

Mas este não é o único aspecto da memória, “a memória não só não se apresenta como um mero mecanismo que copia informação e a armazena na nossa cabeça, mas também como a experiência de recuperar essa informação e de combinar de maneira a formar pensamentos novos” (FENTRESS, WICKMAN, 1994, p. 29).

Apenas um pesquisador fez uma crítica à memória científica baseada nos grandes vultos. A maioria dos entrevistados, demonstrou que a concepção de que a memória científica está vinculada aos grandes vultos e que a posteridade é reservada aos que se destacaram de alguma forma está incorporada ao seu imaginário. É compreensível que uma instituição como a FIOCRUZ “veicule seu próprio passado e a imagem que forjou de si mesma” (POLLAK, 1989, p. 10) como forma de reafirmar seu prestígio e lembrar à sociedade sua importância. Porém, segundo a pesquisadora, é preciso continuar esta tradição de prestígio olhando também para os pesquisadores que hoje trabalham na instituição.

Para os pesquisadores entrevistados preservar a memória científica e os arquivos científicos cumpre o papel de valorizar o processo de construção do conhecimento, de dar

identidade à instituição, de possibilitar o entendimento dos caminhos trilhados pela ciência, de possibilitar novas interpretações, de retomar antigas questões, renová-las e, assim, criar novas alternativas de subsidiar a prática científica. Todos os pesquisadores avaliaram como fundamental a preservação da memória científica da FIOCRUZ e discorreram sobre a importância desta memória e dos arquivos científicos. Alguns entrevistados comentaram sobre a tendência de alguns pesquisadores de considerarem de âmbito privado o resultado de suas pesquisas, e como isto, de alguma, forma interfere na preservação da memória científica institucional. Em alguns casos, a formação do pesquisador influencia a sua visão sobre a importância da memória científica e dos arquivos científicos para outros pesquisadores.

Podemos perceber a influência da formação na visão do pesquisador, um cientista social, sobre a possibilidade de um arquivo científico ser útil para um cientista de outra área. Neste caso específico, o pesquisador da área das ciências sociais tem como referência a discussão sobre a importância da história da ciência na prática científica e questiona o interesse que o cientista das áreas biomédicas e biológicas poderia ter em arquivos que teriam, segundo sua perspectiva, utilidade somente para a história ou a sociologia da ciência. Na verdade o que se discute é se a história da ciência é útil para a prática científica, ou seja, se os trabalhos produzidos nesta área do conhecimento de alguma forma têm importância para o trabalho científico. Nossa perspectiva foi outra: queríamos verificar se a documentação produzida e acumulada ao longo das atividades de pesquisa é útil para a prática científica. O foco não estava voltado exclusivamente para a história da ciência, no que se refere à preservação destas fontes, mas também para a importância da memória

científica e a utilidade dos arquivos científicos de uma forma mais abrangente, para o pesquisador das áreas biomédicas, da saúde pública, e das ciências sociais.

Nas entrevistas conseguimos abordar as questões de nosso interesse de forma a, na maior parte das vezes, provocar o discurso do pesquisador sobre o tema, o que nos permitiu lançar um olhar panorâmico sobre suas percepções e práticas. Este olhar vislumbra apenas uma parcela da riqueza contida na fala do pesquisador, este olhar abrangente, porém limitado pelo que não foi dito, pelos “ruídos” existentes na comunicação entre entrevistador e entrevistado e pelas sombras contidas em qualquer relato, entre outras coisas, poderá contribuir com algumas sugestões no aperfeiçoamento e implantação de ações estratégicas de trabalho voltadas para a questão.

Esta pesquisa foi considerada um elemento importante de sensibilização por grande parte dos pesquisadores. Além das possibilidades e alternativas de trabalho apontadas, ressaltamos também a de ampliação deste estudo, já que a aproximação entre arquivistas e pesquisadores proporcionada pelas entrevistas nos fornece elementos importantes que apenas numa “conversa” é possível captar. Podemos citar como exemplo de elementos percebidos no discurso dos entrevistados, a desconfiança dos pesquisadores em relação à capacidade dos responsáveis pelos arquivos de conservar e manter acessíveis os arquivos doados; as dúvidas sobre a continuidade e manutenção destas propostas de trabalho, já que a tradição no serviço público é a extinção de linhas de trabalho por razões que incluem desde mudanças no panorama político da instituição e do país, até aposentadoria por parte dos funcionários responsáveis; a importância de fornecer informações ao pesquisador de como estes acervos estão sendo utilizados em estudos e investigações; a sugestão de mapear o acervo de bancos de dados eletrônicos da instituição ou a reivindicação por parte

de um pesquisador de que a unidade crie um centro de documentação reunindo todas as dissertações, teses e pesquisas realizadas pelos pesquisadores da unidade e assim por diante.

Consideramos que as ações voltadas para a preservação dos arquivos científicos e da memória científica podem e devem ser implementadas em várias frentes e devem ousar trilhar caminhos alternativos que questionem, por exemplo, a postura que considera uma instituição um todo orgânico controlável. Quem sabe admitir que o caos e que a imprevisibilidade são parte integral também de toda a atividade humana, nos ajude a colocar nossa visão sobre a preservação da memória científica institucional em parâmetros mais plausíveis. Ou seja, admitir que nossa interferência se dará de forma planejada, porém em determinados “patamares documentais” onde, com a estreita colaboração dos produtores desta memória, poderemos, então, preservá-la e construí-la.

Referências Bibliográficas

BRITO, Verônica Martins de. **A preservação da memória científica da Fiocruz: a visão de quem faz ciência.** Orientadora: Maria Nélida González de Gómez. Rio de Janeiro, CNPq/IBICT/UFRJ/ECO,2002. 136 f. (Mestrado em Ciência da Informação)

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história.** 2ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002. 345 p.

FENTRESS, James e WICKHAM, Chris. **Memória social; novas perspectivas sobre o passado.** Lisboa: Teorema, 1994. 278 p.

POLLAK, Michael. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos,** Rio de Janeiro, v. 2, n.3, p.3-15, 1989.